



AÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO MUSICAL: PERSPECTIVAS PARA FORMAÇÃO DE PLATEIA EM MÚSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Caio Higor Morais Araujo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – caiohigorma@hotmail.com

Resumo: O seguinte artigo se propõe a expor e analisar as possibilidades e os potenciais da formação de plateia em música na educação básica, com o objetivo de ampliar o conceito desta prática no meio acadêmico e científico. Fundamentando-se na abordagem sociocultural da educação musical na contemporaneidade à luz das contribuições da etnomusicologia, buscamos evidenciar a (re)significação do educador musical enquanto agente mobilizador de cultura e também como humano responsável em promover a integração social no espaço escolar, gerando uma maior qualidade de vida e preocupado não somente com a sensibilização musical do indivíduos, mas também em formar um cidadão mais criativo, crítico e reflexivo.

Palavras-chave: educação musical, ação cultural, educação básica, formação de plateia.

1. Introdução

No decorrer do século XX, com a evolução das ciências humanas e tecnológicas, houveram o desenvolvimento de novas perspectivas sobre o entendimento da realidade e do universo. Já no século XXI, essa evolução científica e filosófica abriu caminho para uma mudança de paradigmas¹ em diversos campos de conhecimento científico – e consequentemente na sociedade – gerando novos precedentes para a (re)significação do indivíduo numa civilização humana em transição. Afinal, vivemos um momento de crise em vários setores (Ex: Arte, Política, Saúde, Economia, etc.), sendo principal a crise de percepção, onde boa parte da população é vítima de uma cultura hegemônica e massificante que condiciona sua percepção da realidade, atribuindo hábitos, valores e ideologias muitas vezes destrutivos e/ou supérfluos ao próprio ser e à natureza.

Cabe, portanto, ressaltar a importância desse novo paradigma para as áreas da Educação – principalmente da educação básica – enquanto base fundamental para a evolução

¹ Para maior profundidade sobre a mudança de paradigmas provocada pelos avanços científicos e filosóficos da humanidade, ver o livro *Um Discurso Sobre as Ciências* de Boaventura de Sousa Santos (2009).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

humanizada do indivíduo, preocupando-se mais com a formação de um cidadão mais criativo, crítico e reflexivo do que com a formação meramente técnica e profissional.

Pensando desta forma, quais seriam os meios necessários para fomentar tais mudanças na atitude dos profissionais da educação? Nos debruçamos, então, sobre as repercussões epistemológicas dos novos paradigmas científicos na área da Educação Musical, que passou a se conectar e interagir intensamente com outras áreas correlatas nas últimas décadas como, por exemplo, com a Pedagogia, Sociologia, Psicologia, Neurociência, Filosofia, dentre outras, com destaque no presente estudo para a Etnomusicologia. Esta área contribuiu para expandir os limites epistemológicos da Educação Musical, a qual passou a considerar a multiplicidade de contextos socioculturais e como eles estão interconectados, buscando olhar além do modelo tradicional, institucionalizado e conservador. Tais transformações foram influenciadas por uma visão relativística da cultura² e do indivíduo, advindas da área da Antropologia e das ciências naturais. Dessa forma, passou-se a analisar mais profundamente a totalidade dos contextos socioculturais onde um determinado indivíduo ou grupo se inserem, bem como a sua influência nessas realidades. Decorrente disso, surgiram diversas novas abordagens socioculturais para a Educação Musical (Kraemer, 2000; Arroyo, 2002; Queiroz, 2004; Penna, 2008), as quais servem como aporte teórico para o presente estudo.

Visto isso, o seguinte artigo partiu de motivações empírico/teóricas relacionadas à investigação e interpretação de perspectivas para formação de plateia em música (Moraes *et al*, 2011; Bortoli, 2011; Sampaio, 2012), considerando esta como uma prática com forte potencial e apelo cultural para a educação básica, porém ainda um tanto desprovida de reflexões na produção acadêmica que estejam vinculadas à abordagem sociocultural da Educação Musical. Portanto, o objetivo principal deste artigo é expandir o conceito e as possibilidades da formação de plateia em música, bem como elucidar a função do educador musical enquanto agente cultural (Kater, 2004; Coelho, 2001), buscando, desta forma, tecer estratégias de ação de acordo com uma perspectiva sociocultural para formação de plateia em música na escola básica.

² Esse estudo adota a concepção de cultura cunhada por Geertz (1989, p. 4) ao considerar que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado(s), de explicações.”



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

2. O educador musical na contemporaneidade

Inicialmente, é preciso uma reflexão mais ampla acerca da importância que tem a função do educador musical na sociedade contemporânea. Afinal, apesar das pesquisas, debates e relatos sobre novas maneiras de ensinar e aprender música, ainda é corriqueira a visão do educador musical conteudista, desapegado do contexto em que está inserido e mero reprodutor das práticas e metodologias apreendidas na formação acadêmica padronizada, que finda por utilizar-se de práticas desconectadas do contexto sociocultural. É preciso buscar o que está além da mera execução mecanizada de um instrumento, da leitura de partituras ou das apresentações em datas comemorativas. Todavia, é essencial para aqueles que buscam uma revisão crítica constante da qualidade da sua atuação profissional, estudar e compreender a produção científica atual e essas novas possibilidades de abordagens no ensino de música.

Em se tratando da produção emergente da educação musical na contemporaneidade, Kraemer (2000) nos traz a perspectiva de uma abordagem sociocultural de ensino e aprendizado que elenca como ponto de partida as concepções de que o ato de educar musicalmente se assenta sobre dois princípios básicos: 1º) a prática de ensinar e aprender música permeia uma multiplicidade de espaços e contextos que vão além das instituições escolares; e 2º) o conhecimento pedagógico-musical é complexo e sua compreensão depende de outras áreas de conhecimento, relacionando-se, em decorrência disto, a todas as pessoas que lidam diretamente e/ou indiretamente com conhecimentos e habilidades próprias da música, podendo ser elas artistas, produtores, professores, pais, mestres, sacerdotes, dentre outros. Alinhado a esta perspectiva, Carlos Kater (2004) coloca que deve-se buscar também a expansão interna sobre a percepção da música e da própria consciência do indivíduo, denotando uma visão holística sobre o ensino-aprendizagem de música preocupada com a integração social, ou seja, promovendo o enriquecimento das relações e descobertas intra/interpessoais entre os indivíduos e o seu mundo (interior e exterior). Trata-se, portanto, de perceber dentre as funções da educação musical a precisão de mobilizar modalidades de “(...) compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade” (KATER, 2004, p.44).

Ainda nessa linha de raciocínio, há também o pensamento da autora Maura Penna (2008), que sob a ótica do multiculturalismo³, eleva a consciência da área para uma visão

³ Para maior aprofundamento no assunto, ver “*Multiculturalismo e multiculturalidade: recorrências discursivas na educação musical*” de Luís Fernando Lazzarin, 2008.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mais autônoma, crítica e reflexiva, concebendo o ensino-aprendizagem de música enquanto um:

(...) processo educacional orientado que, visando promover uma participação mais ampla na cultura socialmente produzida, efetua o desenvolvimento dos instrumentos de percepção, expressão e pensamento necessários à apreensão da linguagem musical, de modo que o indivíduo se torne capaz de apropriar-se criticamente das várias manifestações musicais disponíveis em seu ambiente – o que vale dizer: inserir-se em seu meio sociocultural de modo crítico e participante. Esse é o objetivo final da musicalização, na qual a música é o material para um processo educativo e formativo mais amplo, dirigido para o pleno desenvolvimento do indivíduo, como sujeito social (PENNA, 2008, p.47).

Portanto, podemos compreender que, através da sensibilização musical, o objetivo maior da música está em contribuir para a formação de um indivíduo mais pleno, livre e reflexivo, com papel ativo e crítico na sociedade. Seguindo essa perspectiva, podemos, enfim, perceber que a missão da educação musical é complexa e dinâmica, evoluindo de acordo com a percepção da pluralidade de contextos envolvidos, bem como a adesão de pessoas e saberes de outras áreas.

Logo, cabe aos pesquisadores da área averiguar: qual seria a responsabilidade e a importância do educador musical enquanto mobilizador e agente de cultura no contexto escolar? Buscamos, então, (re)significar a função da sua atuação profissional em prol do enriquecimento da área e da qualidade do ensino de música na educação básica e, conseqüentemente, causando um impacto mais positivo e profundo na vida dos alunos.

3. O educador musical como agente cultural

A concepção do termo *arte-ação*, debatido pelo autor Teixeira Coelho (1989), expõe que este foi inicialmente utilizado por Mário de Andrade para defender o princípio da utilidade da arte na sociedade, questionando, por conseguinte, os resultados que esta deveria proporcionar. Trata-se, portanto, do objetivo de a arte estar a *serviço da educação e da formação do público*, sendo a arte apresentada como um instrumento de mudança estética e social, indo além do seu universo meramente artístico, mas também conectada e interdependente às diversas áreas do conhecimento e consciente dos apelos e demandas da sociedade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesse sentido, ao reinterpretar o termo, o autor declara que:

(...) a ação cultural, além de definir-se como área específica de trabalho, ensino e pesquisa, começou a constituir-se num conjunto de conhecimentos e técnicas com o objetivo de administrar o processo cultural - ou sua ausência, como é mais comum entre nós... - de modo a promover, digamos, uma distribuição mais equitativa da cultura, de suas apregoadas benesses (COELHO, 1989, p.10-11).

Decorrente desse pensamento, podemos refletir sobre a formação inicial e continuada dos educadores musicais em relação à capacidade de mobilizar ações culturais no espaço escolar. É fato que alguns cursos de graduação oferecem em seu currículo disciplinas sobre elaboração de projetos culturais, e que existem inúmeros cursos e oficinas para capacitação na área da produção cultural. Porém, seria esse conhecimento suficiente frente a dificuldades como a falta de incentivo das políticas públicas para captação de recursos humanos, materiais e financeiros necessários para o desenvolvimento das ações? Contudo, existe também a possibilidade de se desenvolver a pedagogia de projetos na educação básica, que exigem um nível rigoroso de organização e articulação do educador musical e da equipe pedagógica.

Sobre essa lacuna na capacitação dos educadores musicais para empreender projetos de ação cultural, Carlos Kater (2004) critica a inexistência de programas de formação que preparem os educadores para atuarem adequadamente em empreendimentos dessa natureza, os quais exigem conhecimento de instâncias administrativas e pedagógicas para a coordenação/supervisão dos projetos. Ele ainda sinaliza para a necessidade de uma abordagem de ação relacionada “à rede de conhecimento de áreas afins (psicologia, pedagogia, sociologia, serviço social...) e sobretudo uma qualificação de formação pessoal do próprio educador, sob a luz de um enfoque humanizador da educação musical” (KATER, 2004, p. 44). Nessa perspectiva, para melhor compreender essa concepção de educador musical, é extremamente relevante o conhecimento sobre a atuação profissional como agente cultural, a saber que:

O agente cultural será um profissional capaz de entender os mecanismos da atuação em grupo que possibilitem a esse grupo o exercício da criatividade (ao invés de castrá-lo para isso, como ocorre com frequência) e capaz de conhecer a natureza e possibilidades das linguagens e equipamentos culturais de que se servirá – e que por isso mesmo terá condições de equacionar sua própria presença e intervenção no grupo, ou junto ao indivíduo, de modo a não perturbar exageradamente a natureza (para não dizer a "autenticidade") do processo (COELHO, 1989, p.57).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Sendo assim, surge a reflexão sobre quais seriam, então, as possibilidades e os meios para se desenvolver ações culturais que promovam o ensino e aprendizagem de música na escola básica de maneira significativa para os indivíduos envolvidos, de acordo com a abordagem sociocultural da Educação Musical?

4. Um novo olhar sobre formação de plateia em música na educação básica

O termo formação de plateia em música nos remete basicamente à prática da interação entre músicos e um determinado público, geralmente alunos da escola básica, onde ocorre uma apresentação musical com breves explicações sobre algum conteúdo relacionado à música, momento este denominado recital ou concerto didático – podendo ocorrer também em espaços externos à escola, onde os alunos se deslocam para participar do evento – e que promovem formas sutis de ensino-aprendizagem de música, as quais podem ser potenciais objetos de estudo para produção de conhecimento científico. Todavia, as práticas de formação de plateia em música no universo da educação básica podem envolver diversas ações, entre as quais, de acordo com MORAES *et al.* (2012), podemos citar cursos de formação para professores, palestras interativas, oficinas e também diversos modelos de concertos didáticos⁴.

Reforçando essa perspectiva, o autor Queiroz (2004), considera que a educação musical transcende as instituições, permeando uma diversidade de processos culturais, e também ressalta a precisão dos educadores musicais buscarem estabelecer pontes com o trabalho de outros profissionais da música, não necessariamente ligados à educação. Isto significa, na visão de Coelho (2001), que através do agente cultural – aqui sendo representado pelo educador musical na escola básica – “a arte se porá em contato com o indivíduo ou com a comunidade tanto quanto o artista penetrará na comunidade (e o inverso, de modo particular) assim como a comunidade alcançará os recursos necessários para uma certa prática cultural.” (COELHO, 2001, p. 67). Aprofundando-se também nesse universo, autores como Bortoli (2011) e Sampaio (2012) corroboram para o sentido no qual a formação de plateia em música serve como instrumento de ampliação do conhecimento tanto musical quanto cultural, pois o público envolvido tem contato direto com a música, podendo apreciá-la e torná-la parte do seu universo artístico, estético, simbólico e cultural, provocando a formação de uma plateia

⁴ Outros exemplos também, já experimentados por este autor, tratam de relacionar a formação de plateia também à música tocada dentro da escola, geralmente nos intervalos ou na rádio escolar; bem como às atividades realizadas com alunos em sala de aula, aulas espetáculo, visitas à teatros e eventos, dentre outras.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mais consciente e capaz de compreender as diferenças e semelhanças entre diversos estilos e contextos musicais.

Nesse sentido, podemos vislumbrar a relação dessa nova abordagem do ensino da música com esse tipo de ação cultural. As interações entre artistas, alunos e educadores – inclusive de outras áreas – motivam perspectivas à luz de concepções socioculturais para o ensino-aprendizagem de música. Tais interações são, inclusive, defendidas pelos documentos oficiais de diretrizes para a educação, como expressado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Artes:

Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história (BRASIL, 1998, p. 54).

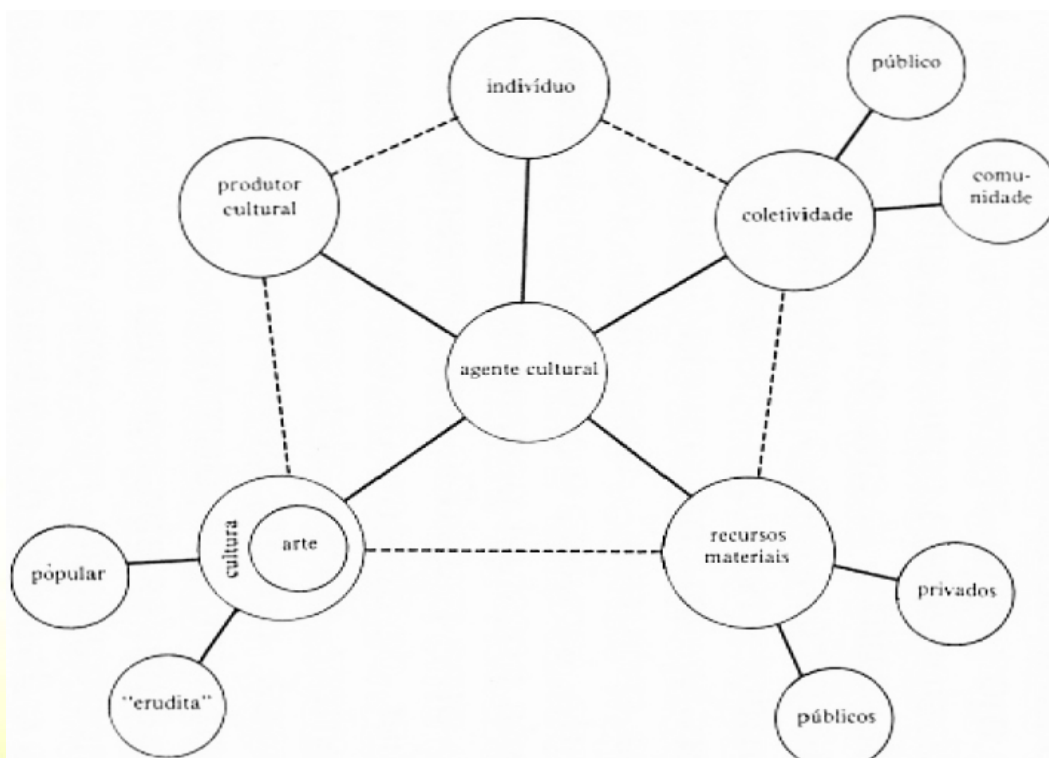


Figura 1: Conexões da ação cultural com a sociedade.

Fonte: COELHO, 2001, p.69.

Ao analisar as conexões expostas no gráfico de Coelho (2001), podemos, enfim, observar os elementos fundamentais e como estão



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

articulados, dando assim a visão para a mobilização de uma ação para formação de plateia em música devidamente planejada e organizada. Logo, interpretando a imagem de acordo com o contexto da educação básica, além ver o papel do educador musical enquanto agente cultural – às vezes também ocupando a função de produtor cultural – devemos também interpretar o ciclo do indivíduo como sendo o aluno; o ciclo da coletividade contendo a comunidade escolar, composta por pais, professores, funcionários, etc.; o ciclo da cultura e da arte contendo os grupos/artistas, enfatizando, de preferência, a valorização da cultura local da cidade ou região; e o ciclo dos recursos materiais como os possíveis apoiadores humanos e financeiros da ação, desde a gestão escolar ou a comunidade, até captação de recursos via editais sob leis de incentivo ou financiamento privado.

Seguindo esse raciocínio, apresenta-se a sugestão de etapas para uma formação de plateia em música numa perspectiva sociocultural na educação básica:

- 1) Elaboração da temática, acompanhada de uma justificativa e objetivos formados a partir de ideias, diálogos, observações e problematizações levantadas junto aos alunos da escola;
- 2) Formação da equipe de produção com pessoas interessadas em contribuir, podendo ser somente uma pessoa com auxílios esporádicos – dica: o educador musical pode incluir estagiários da graduação em licenciatura em música;
- 3) Mobilização e captação de recursos financeiros e materiais;
- 4) Levantamento e contato com músicos, compositores, orquestras, bandas, corais, teatros, etc. para apresentar a proposta, e verificar o interesse e a disponibilidade do artista em participar da ação;
- 5) Realização de oficinas de formação com os professores da escola (e com os estagiários, se houverem), abordando formas interdisciplinares de se trabalhar com música, direcionando para a temática da ação e do grupo/artista que estiver participando;
- 6) Planejamento e desenvolvimento de atividades em sala de aula, promovendo conteúdos teóricos e práticos ligados à uma educação holística, contextualizando-os com a realidade dos alunos e com a obra musical do grupo/artista participante, e também buscando, principalmente, realizar um número suficiente de encontros (ex: bimestre, trimestre ou semestre) para tornar a ação mais significativa para os alunos;



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- 7) Ocupação de um local na escola para a criação de um espaço que seja dedicado a exposição do material relacionado à temática da ação, onde seja possível ouvir e conhecer a obra musical do grupo/artista participante, podendo haver exposição de CDs, fotos, letras, partituras, desenhos e trabalhos realizados pelos alunos, além do uso do próprio espaço para realização de atividades;
- 8) O ponto alto da ação trata-se da visita do grupo/artista participante à escola, podendo ser planejado um recital didático ou uma aula espetáculo, e, se possível, também contar com apresentações dos alunos, sorteios, dentre outras formas que promovam a interação entre o grupo/artista e os alunos;
- 9) É fundamental atentar para questões de infraestrutura (som, luz e palco), bem como do registro audiovisual e da divulgação do evento;
- 10) Por fim, a etapa de avaliação com os agentes envolvidos no processo. Podem ser entrevistados alunos, pais, professores, músicos etc. em busca de depoimentos e detalhes que contribuam para uma compreensão mais real do projeto desenvolvido.

5. Considerações finais

Este artigo buscou ampliar a visão sobre a função do educador musical na escola básica, enquanto agente com forte potencial mobilizador de cultura. Através de reflexões e debates sobre a temática da formação de plateia em música, tecemos estratégias metodológicas sob uma perspectiva sociocultural a partir de experiências empírico/teóricas.

Espera-se contribuir para agregar novos saberes sobre o significado e a possibilidade de ações culturais por parte dos educadores musicais na contemporaneidade, bem como para enxergar de forma mais ampla a prática da formação de plateia enquanto uma ação complexa e dinâmica, que além de possuir um vasto potencial para pesquisa e produção científica, também contribui para o acesso democrático à diversidade musical.

Buscando ampliar os horizontes sobre a discussão da ação cultural na educação, não seria possível explorar também outros contextos, estimulando a fluidez da cultura por um intercâmbio mais dinâmico, desenvolvendo pesquisas sobre ações culturais em espaços institucionais, públicos e privados, na esfera formal e informal, na capital e no interior do país? Devemos buscar meios de viabilizar projetos dessa natureza acompanhados pela formação dos educadores para que sejam capazes de empreender suas próprias ideias para mobilizar ações culturais.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A demanda existe, e as escolas são espaços abertos para a realização de ações culturais, cujo potencial ainda é subestimado por muitos educadores musicais, seja por falta de informação, de vontade ou de incentivo. Mas há sempre uma saída, alguma forma de empreender uma ação significativa, enquanto houver a valorização da consciência sobre as repercussões no ensino e aprendizagem de música que abranja os indivíduos envolvidos no processo (alunos, artistas, professores, pais, etc.) e que esteja conectada à realidade na qual se insere.

Em se tratando de desenvolver não somente a sensibilização musical, mas também o despertar do indivíduo para seu universo interior, para uma maior integração social deste, promovendo mais qualidade de vida, devemos buscar:

(...) estabelecer os meios para revitalizar o interesse por isto que atualmente definimos como “música” e também pelas músicas, pelos sons, fontes sonoras, pessoas e pelo mundo que constroem e habitam. Redimensionar o interesse, explorando a percepção de cada indivíduo sobre si e sobre o complexo de relações no qual interage. E é justamente a intensificação da percepção (no micro ou macrouniverso), a atenção ativada, que nomeamos consciência. Nesse sentido então é que a educação musical pode tornar-se um excelente meio de conscientização pessoal e do mundo (KATER, 2004, p. 45).

Trata-se, pois, de uma missão importante da produção científica nessa área, a qual deve debater e mobilizar novas formas de ensino e aprendizagem que busquem despertar um outro nível de consciência nas pessoas, promovendo o senso crítico-reflexivo e libertador através do acesso democrático e contextualizado – sendo estes os pontos cruciais – do conhecimento socialmente construído, tendo por base a integração social como uma das principais demandas do mundo contemporâneo.

6. Referências bibliográficas

ARROYO, Margarete. Educação musical na contemporaneidade. In: II Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2002, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2002, pp. 18-29.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Volume 07: Artes. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTOLI, C.; ROMEU, J.R.L. *Recital Didático: Ensino e aprendizagem musical para formação de plateia*. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música à Distância da Universidade de Brasília). Escola de Música da UNB, Rio Branco/AC, 2011.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

COELHO, Teixeira. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1989.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da Associação Brasileira de Ensino de Música*, Porto Alegre, v. 10, pp. 43-51, mar. 2004.

KRAEMER, R. D. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em Pauta: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, pp. 50-73, 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/viewFile/9378/5550>>. Acesso em: 8 set 2010.

LAZZARIN, Luís Fernando. Multiculturalismo e multiculturalidade: recorrências discursivas na educação musical. *Revista da Associação Brasileira de Ensino de Música*, Porto Alegre, V. 19, 121-128, mar. 2008.

MORAES, C.S.; MORAIS, F.A.S.; OLIVEIRA, J.A.S.; PINHEIRO, M.C.C. *Recital Didático: Ações pedagógicas e ampliação da vivência musical*. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música à Distância da Universidade de Brasília). Escola de Música da UNB, Cruzeiro do Sul/AC, 2011.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre/RS: Sulina, 2008. 230p.

QUEIROZ, L.R.S. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da Associação Brasileira de Ensino de Música*, Porto Alegre, n.10, pp.99-107, mar. 2004.

SAMPAIO, C.D. *Educação musical e recital didático: Análise conceitual e relato de uma pesquisa empírica educativo-musical*. Artigo (Trabalho de Curso de Licenciatura em Música à Distância da Universidade de Brasília). Escola de Música da UNB, Rio Branco/AC, 2012.

SOUSA, V.R. *Música na Escola: Educação Musical para a formação de uma plateia consciente*. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília). Escola de Música da UNB, Brasília, 2012.

SOUZA, C.M.N. Educação musical, cultura e identidade: configurações possíveis entre escola, família e mídia. *Revista da Associação Brasileira de Ensino de Música*, Londrina, v.21, n.31, pp.51-62, jul-dez. 2013.